



14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 05 – Sociologia na Educação Básica

**JUVENTUDE, TRABALHO E EDUCAÇÃO: DESAFIOS, PERSPECTIVAS E
A SUA RELAÇÃO COM O ENSINO DE SOCIOLOGIA**

Vanderson Garcia do Nascimento ¹

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, ainda em andamento, busca apresentar uma pesquisa sobre a juventude contemporânea que concilia trabalho e estudos no Ensino Médio, em que será analisado seus desafios e perspectivas relacionando com o ensino de Sociologia. Será feita uma pesquisa com a juventude do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual São Vicente de Paula do noturno no município de Sinop, Mato Grosso.

A instituição escolar em questão é uma escola de Ensino Médio que atende vários alunos, na qual será analisado o período noturno, pois, minha experiência no ambiente escolar,

¹ Mestrando pela Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado (UNEMAT), no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO/UNEMAT). Professor de História e Sociologia da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. Este trabalho foi financiado pela CAPES. E-mail: vanderson.garcia@unemat.br.

me dá a percepção de que a maioria da juventude que é estudante do período noturno está inserido ou busca se inserir no mundo do trabalho.

Questiono-me, portanto se a falta de interesse é um problema individual ou se está relacionada a uma questão social mais ampla, vinculada às condições estruturais da educação pública brasileira e às exigências do mundo do trabalho. Além disso, destaca-se a influência das políticas educacionais que, historicamente, priorizam a formação técnica e a qualificação para o trabalho sempre deixando o pensamento crítico e social em segundo plano.

A juventude contemporânea brasileira busca constantemente o seu espaço na sociedade e enquanto sujeitos sociais expressarem suas opiniões e constroem a sua identidade social, visto isso o mundo do trabalho também é uma forma de construção de suas identidades, uma vez que:

[...] a sociedade latino-americana, em especial a juventude no século 21, traz em sua bagagem um histórico de grandes transformações econômicas, políticas e sociais que repercutem diretamente no cotidiano dos jovens inseridos ou não no mercado de trabalho, ou em programas voltados à capacitação para sua inserção (Dornelles, 2016, p.82)

A juventude busca compreender suas dúvidas e se questionam qual será o seu objetivo após do término do Ensino Médio, e muitas das vezes sem perspectivas futuras por falta de orientação.

Portanto a escola pública, enquanto instituição social revela ser um local de grande importância para compreendermos a juventude brasileira, pois a escola direta ou indiretamente é a responsável por prepara os alunos para o mundo do trabalho, mas também é a responsável por fazer a juventude compreender o meio social em que vive a partir do pensamento crítico, mas que acaba ficando em segundo plano por não ser relevante para o mundo do trabalho, demonstrando que o ambiente escolar é um local de conflito, disputa e contradição. É necessário ter um olhar mais amplo e observar como o modo de produção capitalista organiza o trabalho e o que é valorizado por ele, e como ele define aquilo que é socialmente valorizado, e como isso afeta o cotidiano da juventude do Ensino Médio da escola pública.

Visto isso e observando os processos históricos e as várias mudanças políticas e econômicas que impactam diretamente na estrutura social, defini como metodologia o materialismo histórico e dialético.

Este instrumento de reflexão teórico-prática pode estar colocado para que a realidade educacional aparente seja, pelos educadores, superada, buscando-se então a realidade educacional concreta, pensada, compreendida em seus mais diversos e contraditórios aspectos. (Pires, 2002, p. 83)

Além disso como procedimento metodológico pretendo utilizar a pesquisa qualitativa, pois vai me permitir analisar com mais profundidade, focando em entender os principais aspectos, como as ideias e os comportamentos do meu objeto de estudo.

A análise qualitativa vai ser fundamental para o estudo do meu objeto de investigação, pois a sociedade não pode ser analisada apenas por dados estatísticos ou gráficos, mas através das experiências, dos significados e das relações sociais e as suas contradições históricas. “Por fim, é necessário afirmar que o objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo” (Mynayo et al., 2002, p. 15).

O presente trabalho tem como objetivo principal descrever e compreender como a juventude do Ensino Médio lida com a conciliação entre trabalho e estudo, e como essa trajetória reflete no desenvolvimento de seu pensamento crítico. Além disso buscará analisar as motivações que levam a juventude a ingressar no mundo do trabalho, e refletir sobre as percepções dos estudantes do Ensino Médio sobre o ensino de Sociologia.

DESENVOLVIMENTO

Como abordarei principalmente a temática que envolve juventude, trabalho e suas perspectivas, o foco será, mais especificamente, na juventude trabalhadora que é estudante do Ensino Médio e a sua relação com o ensino de Sociologia.

Mas antes de tudo é necessário que compreendamos qual a noção de trabalho e como ele é visto pelo sistema educacional. A partir das contribuições de Ribeiro (2006), ao discutir a Aliança para o Progresso como um projeto de modernização do capitalismo na América Latina, observa-se que a educação passa a ser articulada aos interesses do desenvolvimento econômico. Além disso Góes (1999) analisa que houve uma reconfiguração do sistema educacional brasileiro que busca valorizar a iniciativa privada que é subsidiado pelo Estado e pela incorporação de uma formação voltada ao desenvolvimento do sistema capitalista moderno.

Para além disso é importante também dar destaque para a Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 instituída durante o governo Médici, que reforça a instituição de uma educação voltada principalmente para o mundo do trabalho, deixando de lado o pensamento crítico, já que durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985) a área das Ciências Humanas e Sociais sofria censura. “A mera acusação de que uma pessoa, um programa educativo ou um livro tivesse inspiração “comunista” era suficiente para demissão, suspensão ou apreensão” (Góes, 1999, p.36), pois o pensamento crítico poderia levar a uma forte oposição ao regime militar, que buscou centralizar

a educação no desenvolvimento de cursos técnicos e profissionalizantes, em que a juventude se tornaria a principal força de trabalho, pois o Brasil passava por um processo de industrialização durante esse período. “Como resultado da força, o Estado que se reorganizava optou pela coerção (no sentido usado por Gramsci) como caminho para difundir a sua concepção de mundo” (Góes, 1999, p. 32).

Somando a isso também podemos citar o Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997 instituído no governo Fernando Henrique Cardoso que reforça a ideia de que a juventude nada mais é do que uma futura força de trabalho segundo os moldes do sistema capitalista neoliberal, pois é essa força de trabalho que cria os bens de valores, ou seja, o trabalho considerado útil para o sistema econômico vigente da sociedade contemporânea “[...] procurando desviar a atenção dos operários da oposição contra a burguesia e se lhes fornecem conhecimentos que eventualmente podem levá-los a invenções que tragam lucros aos burgueses; [...]” (Engels, 2010, p.272).

Na sociedade contemporânea observa-se um sistema educacional estruturado como uma empresa que fornece mão de obra para o mundo do trabalho. Visto isso Laval (2019) discute a influência neoliberal na educação que vem se fortalecendo cada vez mais nas sociedades de mercado onde “Acima de tudo, o gasto com a educação deve ser “rentável” para as empresas usuárias do “capital humano” (Laval, 2019, p.24). Para Mota isso ocorre no Brasil durante o “[...] período nacional-desenvolvimentista, que se difundia a necessidade de investir no capital humano, articulado ao projeto de modernização [...]” (Motta et al., 2017, p. 358).

Outra lei que também é importante ressaltar aqui é, a Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, pois esta lei está relacionada ao novo Ensino Médio, na qual é determinado o novo currículo escolar, que tem como objetivo a formação técnica e profissional, ou seja, dando prioridade a formação de jovens apenas como mão de obra, elevando a desvalorização da formação cidadã, ou seja, o sistema educacional sustenta a ideia de uma escola tecnicista, utilitarista, funcionalista e individualista que prioriza habilidades que são úteis apenas para o mundo do trabalho. “É visto que o Estado, que nasce da sociedade, cumpre seu papel de manutenção da ordem e dos interesses próprios da classe dominante” (Bezerra Neto et al. 2017, p. 18).

Para Groppo (2017) a juventude não pode ser vista apenas como fase biológica situada entre a infância e a vida adulta, mas como uma categoria social historicamente construída. Em sua análise, Groppo discute sobre a origem dos estudos sociológicos sobre a juventude e aborda sobre a concepção tradicional, vinculada à perspectiva estrutural-funcionalista, ainda presente

na sociedade contemporânea brasileira, além disso ele discute sobre a noção de “moratória social”², entendida como um período de preparação anterior à inserção no mundo do trabalho. Ao situar o jovem em uma posição intermediária: não mais criança, mas também não reconhecido como adulto, revelando que as experiências da juventude são marcadas por desigualdades e privilégios de classe, uma vez que nem todos os jovens vivenciam essa “moratória social” da mesma maneira, pois, para parte da juventude, especialmente da classe trabalhadora, a necessidade de vender sua força de trabalho ainda durante o Ensino Médio impõe a conciliação entre estudo e trabalho. Já Prates et al. (2022) observa que a meritocracia é apresentada como o principal caminho para a mudança social evidenciando uma romantização nas dificuldades enfrentadas pela juventude da escola pública.

No Brasil, a relação dos jovens com o trabalho é marcada por muitas desigualdades, e o Ensino Médio parece ser um espaço significativo para evidenciar esse fenômeno. Para uns, o tempo no Ensino Médio é vivido como etapa de formação e preparação para o acesso à universidade, ficando o trabalho como um projeto para depois da conclusão do Ensino Superior. (Corrochano in Dayrell, p. 206).

A juventude que está no Ensino Médio precisa ser vista a partir de suas experiências sociais vividas no coletivo, e a escola é o melhor lugar para entendermos esses desdobramentos que envolvem suas indagações e questionamentos, principalmente aquela parcela da juventude que trabalhador e estudante. A juventude contemporânea brasileira está inserida em um contexto de constantes transformações, que influenciam sua inserção precoce no mundo do trabalho e a construção de sua identidade social. Abramovay (2007), discute sobre as mudanças no mundo do trabalho e como é o processo de adaptação da juventude que vive em situação de vulnerabilidade e que historicamente apresentam dificuldades para se inserirem no mundo do trabalho e se adequarem as novas tecnologias que veem substituindo os trabalhos manuais.

O trabalho, nesse cenário, não se limita apenas à necessidade financeira, mas também envolve reconhecimento social, autonomia, pertencimento e construção da identidade. É necessário compreender o que realmente ocorre durante essa passagem da infância para a vida adulta. “Além disso, o próprio significado que o jovem atribui a uma determinada ocupação não é estável e imutável” (Veriguine et al., 2014, p. 1037).

Assim, compreender as motivações que levam a juventude a ingressar no mundo do trabalho é fundamental para analisar como essa experiência interfere em sua formação escolar e em seu desenvolvimento crítico, pois na “perspectiva histórica, as práticas e expectativas

² Período de preparação anterior à inserção no mundo do trabalho.

juvenis mudam ao longo do tempo, devido às transformações culturais, demográficas e na organização dos sistemas produtivos” (Menezes, 2023, p.137). Neste contexto, é necessário que também discutamos e entendamos o que a juventude espera de seu futuro, pois as perspectivas da juventude contemporânea, estão ligadas à sua construção enquanto pessoa que contribui e que quer ser aceita socialmente.

Segundo Muniz et al., (2015), a juventude trabalhadora que também é estudante do Ensino Médio busca muito mais além do que só trabalhar por uma questão de sobrevivência, pois eles são constantemente sobrecarregados com a ideia de que o trabalho faz com que ele se torne alguém respeitado e merecedor de reconhecimento e mérito reforçando o discurso individualista e meritocrático entre a juventude trabalhadora.

Ao analisar a história se observa que a classe trabalhadora ou classe operaria termo mais utilizado durante a metade do século de XIX surge com mais expressividade após a invenção da máquina a vapor e das máquinas destinadas a processar o algodão. Mas anterior a isso o processo de produção era realizado na casa do trabalhador que normalmente viviam na área rural e trabalhavam como tecelões e agricultores.

[...] eram máquinas de trabalho a serviço dos poucos aristocratas que até então haviam dirigido a história; a revolução industrial apenas levou tudo isso às suas consequências extremas, completando a transformação dos trabalhadores em puras e simples máquinas e arrancando-lhes das mãos os últimos restos de atividade autônoma [...] (Engels, 2010, p.47).

As revoluções tecnológicas promoveram profundas transformações nos modelos de produção, expressando de maneira evidente as mudanças que caracterizam o mundo do trabalho na contemporaneidade.

A ideia de que o sujeito deveria frequentar a escola surgiu em decorrência das transformações históricas. A Revolução Industrial passou a demandar trabalhadores minimamente qualificados para operar as máquinas o que leva a população a se adaptar as mudanças do processo de produção. Na contemporaneidade, observa-se a permanência dessa lógica, especialmente diante dos avanços tecnológicos e as mudanças nos currículos escolares mais tecnicistas.

Além disso, a sociedade contemporânea está baseada e organizada em volta da perspectiva de trabalho segundo os moldes do sistema capitalista, assim, recusar-se a participar dessa dinâmica faz com que a juventude seja vista como alguém que rejeita a sociedade em que está inserida, ou seja, o trabalho é uma forma de validação social, e a única forma da juventude buscar essa validação é a partir da sua força de trabalho, na qual ele pode vender. O trabalho

que antes era visto como algo destinado a classes mais desprovidas ganha um novo significado na contemporaneidade. Essa mudança já pode ser observada no século XVIII com o movimento iluminista que influenciou nas transformações econômicas e sociais da Revolução Industrial, como destaca Bresciani (1982) em sua obra “*Londres e Paris no Século XIX: O espetáculo da pobreza*”.

Esta é uma sociedade que se institui sobre o pressuposto da positividade do trabalho. Afinal, são John Locke e Adam Smith que desfazem a imagem negativa do trabalho com patrimônio da pobreza, como fardo exclusivo dos que não possuem propriedade, e o definem como fonte de toda a atividade criadora da riqueza. Daí, os que se recusam a participar dessa comunidade de trabalhadores aparecem como figuras exteriores a ela, como estranhos ao pacto constitutivo do social e da sua história (Bresciani, 1982, p. 80).

Isso sugere que o sujeito é unicamente definido pelo seu trabalho, porém, os sujeitos não podem ser definidos apenas pelo seu trabalho, mas sim pelos fatores históricos e sociais que o cercam. Eric J. Hobsbawm (2000), em um dos capítulos da obra *Mundos do Trabalho: Novos Estudos Sobre a História Operária*, discute sobre o processo de fragmentação da classe operária e como elas podem ser distintas em diferentes países evidenciando que no decorrer dos processos históricos a classe trabalhadora e o trabalho foram organizados em um grupo único, onde cada país tinha a sua característica uniforme e homogeneia, que é um aspecto ainda presente na contemporaneidade. O senso comum tende a caracterizar a classe trabalhadora como uma classe homogênea e uniforme que apresenta apenas um padrão, mas precisamos refletir sobre o assunto, já que, analisando socialmente observa-se um grupo que na verdade é heterogêneo, pois o trabalho é formado por distintos grupos sociais e diferentes formas de trabalho na sociedade. Quando analisamos as características e as formas de trabalho vemos que há múltiplas variações e condições de trabalho, por exemplo; existe o trabalho urbano e o trabalho rural; os trabalhos que exigem níveis de qualificação diferente; culturas e etnias que veem o trabalho como forma de subsistência; o trabalho informal, o trabalho doméstico, o trabalho autônomo, o trabalho comunitário, o trabalho individual, o trabalho coletivo, o trabalho voluntário, o trabalho de cuidado, entre outros, ou seja, “[...] todas as classes operárias denominadas “nacionais” consistem em um quebra cabeças de grupos heterogêneos. Por um lado, o desenvolvimento histórico tendeu a uni-los em blocos mais ou menos nacionais[...]” (Hobsbawm, 2000, p.82).

A forma como vemos o trabalho muda constantemente, portanto não podemos entendê-lo como algo homogêneo e imutável. Entretanto, para o capitalismo, as mudanças na forma como o trabalho é organizado precisam gerar lucros ao capital, e são essas transformações e

formas de organização que influenciam a maneira como compreendemos o trabalho no contexto atual.

Durante o século XX o principal modelo de produção do capitalismo era baseado no taylorismo e no fordismo, porém devido as mudanças econômicas históricas e sociais a forma como o trabalho vem sendo abordado na contemporaneidade sofre transformações influenciando como vemos o trabalho atualmente.

Na contemporaneidade ocorre uma reestruturação produtiva. Segundo Bernardo (2006) com as mudanças no setor tecnológico, principalmente a microeletrônica trouxeram uma ampliação na capacidade de produção das empresas, o que exigiu uma maior demanda de mão de obra qualificada, na qual substituiu os sistemas econômicos que tinham como modo de produção o taylorismo e o fordismo. “Desse modo, pode-se concluir que o aspecto tecnológico é determinado pelo contexto social e econômico, o qual, na atualidade, tem a globalização de caráter neoliberal como sua principal característica” (Bernardo, 2006, p.12).

No taylorismo e no fordismo o trabalho era realizado de forma sistemática e padronizada, mas com as mudanças do contexto social e econômico as condições de trabalho também foram modificadas. Com isso surge o modo de produção toyotista, em que, o trabalhador deixa de exercer apenas uma função na qual ele era especialista e passa a exercer múltiplas funções. Essa concepção resulta na “flexibilização” do trabalho, visto isso vemos que além do desenvolvimento tecnológico que mudaria o modo de produção era necessário também modificar o modo como o trabalho é organizado. Essa noção de “flexibilização da força de trabalho, faz com que o trabalhador exerça mais de uma função, em que ele precise se adaptar constantemente, aumentando as suas responsabilidades em um trabalho instável de forma precarizada.

Na contemporaneidade surgiu um novo discurso sobre o trabalho, em que as empresas modernas passaram a usar uma ideia de que, o trabalhador também faz parte do processo produtivo. Agora o trabalhador não é mais tratado como um empregado, e sim como “colaborador” exigindo mais participação do trabalhador, ou seja, as empresas buscam mostrar que o trabalhador agora é alguém que também “faz parte da empresa” e por isso deve se dedicar mais, trabalhar mais tempo, produzir mais e mais, pois também vai trazer benefícios para si. Sociologicamente falando observa - se que esse tipo de discurso é uma forma de aumentar a produção e o comprometimento do trabalhador sem que ele perceba os instrumentos de alienação.

“A ideia difundida é a de que a empresa moderna possibilita que seus empregados tenham uma inserção mais participativa na organização, deixando de ocupar o lugar de meros executores de tarefas predeterminadas para se tornarem “colaboradores” [...]” (Bernardo, 2006, p.8).

Mas não acontece mudanças profundas no modo como o trabalhador é visto na contemporaneidade, ele continua sendo apenas o capital humano que serve para o aumento da produção de sociedades que tem como sistema econômico o capitalismo. Essas mudanças trouxeram uma profunda transformação no modo de organização do trabalho. Com isso o trabalho passou a ser estruturado em um modelo mais “flexível”, algo bem presente nos sistemas empresariais contemporâneos. “Assim, a garantia de um lugar no mercado passa a ser associada diretamente à ideia de ‘flexibilidade’” (Bernardo, 2006, p.13). A “flexibilização do trabalho” soa como algo positivo, porém é necessário refletir que isso é um discurso econômico muito conceituado e usado por empresas, mas que mascara a realidade, principalmente no que diz respeito a precarização do trabalho.

Além dos modelos de produção discutidos acima, nota-se que há uma crescente inserção do trabalho terceirizado, onde muitas empresas contratam apenas mão-de-obra com MEI (Micro Empreendedor Individual), aumentando o nível de precarização do trabalho, ou seja, “[...] a busca de maior ‘flexibilidade’ para atender às imposições do ‘mercado’ é uma meta compartilhada por empresas de diferentes portes e ramos produtivos (Bernardo, 2006, p.19).

Uma nova ideia muito presente na contemporaneidade, e cada vez mais frequente entre a juventude, é a noção de independência financeira baseada na ideia de “empreendedorismo”, levando a classe trabalhadora a buscar trabalhos autônomos e a se tornar “grandes empresários”, criando a falsa ideia de que, um dia, possam ascender socialmente, elevando sua classe e deixando de ser trabalhadores para se tornarem donos dos meios de produção. Marx (2004) já analisa isso quando ele argumenta sobre a concorrência entre os capitais. Para ele devido a concorrências entre os capitalistas maior será a concentração de capital, que resulta no declínio financeiro dos pequenos empresários. Os donos das grandes empresas passam a competir entre si para quem produz e vende mais e por terem mais acúmulo de capital conseguem ter mais vantagens sobre o pequeno empresário. Os pequenos empresários perdem os seus negócios e deixam de ser donos e se tornam empregados aumentando a concorrência entre os trabalhadores, e com mais pessoas procurando emprego por consequência também diminuem os salários, claramente a noção de flexibilização do trabalho baseado na ideia de empreendedorismo é uma forma de precarização do trabalho juvenil na contemporaneidade.

[...] a concorrência entre os capitalistas torna-se, portanto, maior, a concentração dos capitais torna-se maior, os grandes capitalistas levam à ruína os pequenos, e uma parte dos capitalistas de outrora baixa à classe dos trabalhadores, a qual, com esta entrada, sofre, em parte, novamente uma redução do salário e cai numa dependência ainda maior dos poucos grandes capitalistas. Na medida em que o número de capitalistas se reduz, quase deixou de existir a sua concorrência em relação aos trabalhadores e, na medida em que o número de trabalhadores se elevou, a concorrência desses entre si tornou-se tanto maior, mais inatural e mais violenta. Por isso, uma parte da classe trabalhadora (*Arbeiterstand*) cai, assim, necessariamente na classe dos miseráveis ou mortos de fome (*Bettel-oder Verhungersstand*), tal como uma parte dos capitalistas médios decai na classe trabalhadora (Marx, 2004, p.27).

A forma como o trabalho é organizado na contemporaneidade depende, principalmente, da maneira como o sistema de produção capitalista está estruturado, o que evidencia que a concepção de trabalho predominante na sociedade corresponde a noção de trabalho segundo os moldes do sistema capitalista, em outras palavras “[...] as mudanças na organização do trabalho estão diretamente relacionadas às necessidades trazidas pela nova configuração do Capitalismo” (Bernardo, 2006, p.19).

Somado a isso, o trabalhador precisa enfrentar dois tipos de resistência ao mesmo tempo: uma é caracterizada pela luta por melhores condições de vida, como garantir a alimentação e a moradia; pertences pessoais, como roupas, utensílios, medicamentos básicos, água, energia elétrica, gás, ou seja, o essencial para a manutenção da sua sobrevivência. A segunda está relacionada à luta por buscar um emprego que nem sempre está assegurado, isto é, o trabalhador precisa se adequar as formas de como o trabalho está sendo organizado na contemporaneidade, como a busca por formação básica, que na maioria das vezes está relacionada ao término do Ensino Médio ou até mesmo a um curso técnico que o mundo do trabalho está exigindo naquele momento e em casos isolados uma formação universitária, que nem sempre os trabalhadores tem acesso devido as desigualdades sociais existentes em países que tem como sistema econômico o capitalismo. “O trabalhador não tem apenas de lutar pelos seus meios de vida físicos, ele tem de lutar pela aquisição de trabalho, isto é, pela possibilidade, pelos meios de poder efetivar sua atividade” (Marx, 2004, p.25).

Marx (2004) problematiza sobre esse assunto em sua obra *Manuscritos Econômico - Filosóficos* em que o capitalista consegue sobreviver por mais tempo que o trabalhador. O latifundiário e o capitalista conseguem ter vantagens sobre o trabalhador porque podem investir os seus lucros, já o trabalhador não consegue fazer o mesmo com o seu salário. Por isso é tão grande a concorrência entre os trabalhadores. Portanto, somente para o trabalhador a separação

de capital, propriedade da terra e trabalho é uma separação necessária, essencial e pernicioso (Marx, 2004, p. 23).

Devido à desigualdade gerada pelo sistema econômico capitalista, existe mais pessoas precisando trabalhar do que vagas, o que gera uma grande concorrência entre os trabalhadores, que passam a disputar entre si porque não possuem terra nem capital suficiente e se tornam dependentes de quem possui, o que leva a uma grande competição, onde observa-se uma sociedade individualista, uma característica muito comum entre a juventude contemporânea.

O trabalho na sociedade contemporânea capitalista não tem o objetivo atender as necessidades dos sujeitos da sociedade nem o seu bem-estar como podemos ver nos discursos do senso comum, mas sim tem o objetivo de obtenção de lucro porque o trabalho tem como finalidade o acúmulo de riqueza, mas não para o trabalhador que sofre com instrumentos de alienação, mas sim para o capitalista que usa a mão de obra para obtenção do seu lucro.

Na obra *O Capital*, Karl Marx (2004), examina as relações de trabalho e suas implicações para o desenvolvimento do pensamento crítico, pois essa publicação tem o objetivo de descrever o funcionamento do modo de produção capitalista, que é a principal noção de trabalho para contemporaneidade brasileira e também ela explora as dinâmicas de alienação, que é recorrente na juventude contemporânea que dependem socialmente de seu trabalho, pois independentemente do sistema econômico (escravista, asiático, feudal, socialista, comunista e capitalista) o trabalho é uma necessidade que existe em todas as sociedades, ou seja, “são necessários ao trabalhador, pois não dependem da forma social de seu trabalho” (Marx, 2024, p. 243). O trabalho não é necessariamente apenas uma condição de sociedades que têm como sistema econômico o capitalismo, porém o trabalho é visto com algo que apenas tem de satisfazer a necessidade do capital e gerar constantemente a exploração da força de trabalho, pois para o capitalista a sua motivação é destinada aos interesses do capital. “Sua alma é a alma do capital” (Marx, 2024, p. 261). O trabalhador é reduzido à sua função produtiva, ele deixa de ser visto como sujeito e passa a ser tratado como um instrumento de produção, valorizado apenas pelo que pode gerar de lucro. “Todas as relações humanas são subordinadas ao imperativo do lucro e aquilo que não propicia ganhos é visto como algo insensato, inoportuno e irrealista” (Engels, 2010, p. 308).

O objetivo principal do capitalista é garantir força de trabalho, que é uma quantidade expressiva de trabalhadores, ou seja, a juventude do Ensino Médio faz parte dessa força de trabalho tão almejada pelo capitalista que deseja expandir e gerar lucro, mas o trabalho vai muito mais além do que apenas gerar mão de obra pra o sistema capitalista.

No contexto do novo Ensino Médio, evidencia-se que a formação da juventude brasileira segue um padrão específico. A escola busca promover a formação cidadã, mas ao mesmo tempo é pressionada a preparar uma nova geração de trabalhadores para atender exclusivamente às demandas do mundo do trabalho, tornando a juventude contemporânea em sujeitos competitivos e individualistas que acabam trabalhando em situações precárias.

Fica desde logo claro que o trabalhador, durante toda a sua existência, nada mais é que força de trabalho, que todo seu tempo disponível é, por natureza e por lei, tempo de trabalho, a ser empregado no próprio aumento do capital (Marx, p. 293).

Na contemporaneidade a juventude é destinada a se profissionalizar, se tornar ferramenta de trabalho para o capital. Ele se torna aquele que vai operar a máquina, e que para que isso aconteça é necessário que entenda como a máquina funciona e como ele deve operá-la de forma prática e rápida, o que se pode observar nas escolas que tem como princípio a capacitação técnica, algo que vem crescendo constantemente no sistema educacional brasileiro. “O capital faz o operário trabalhar, agora, não como ferramenta manual, mas como a máquina que maneja os próprios instrumentos” (Marx, 2024, p. 424).

Há diversos setores nos quais o capital pode ser investido (comércio, construção, agricultura, tecnologia, entre outros), o que gera a necessidade de uma demanda diversificada de mão de obra, algo muito presente no processo de profissionalização da juventude do Ensino Médio. E essa rotação contínua de sujeitos gerando força de trabalho que produz lucro para o capitalista, e o sistema educacional fomenta esse processo ao investir em um currículo escolar de caráter tecnicista.

Observamos, assim, o Estado, como um órgão representante de uma classe, que possui mecanismos de controle para mantê-la no poder, dentre os quais, destacamos a política educacional e seu papel como reprodutora da ideologia da classe dominante e de formadora de mão de obra para suprir as necessidades do capital (Bezerra Neto et al. 2017, p.15-16).

Cria-se a ideia de que, para a juventude se torne cidadã, é necessário que ela componha a força de trabalho segundo os moldes do sistema capitalista, pois para o capitalista o processo produtivo não pode parar já que o mesmo necessita do capital excedente onde ele obtém o seu lucro e também os bens que vão servir como meio de produção. “Esta imagem, construída socialmente, confere um status social ao trabalhador em oposição ao desocupado, que não goza do mesmo reconhecimento” (Muniz et al., 2015, p. 290).

Dermeval Saviani (2008) analisa a escola como um espaço no qual as desigualdades são ocultadas, ou seja, a forma como a escola se organiza atualmente é decorrente das necessidades

da sociedade capitalista, que exige que ela funcione dessa maneira, mas ao mesmo tempo, a escola é vista como um espaço que também pode contribuir para a transformação da forma de pensar dos sujeitos.

Além disso Bernard Charlot (2000) discorre sobre assuntos pertinentes que estão relacionados a juventude e a sua relação com o trabalho e o cotidiano do ensino médio, pois existem diversas discussões acerca dos problemas da educação, e, em certos momentos, é possível ouvir o argumento de que há uma espécie de “fracasso escolar”. Entre os principais fatores que a sociedade associa a esse “fracasso escolar”, destaca-se a questão do aprendizado, pois a juventude contemporânea não atribui significado ao conhecimento considerado “moralmente correto”, e além disso eles estão atribuídos a uma educação que é coercitiva, mas que se apresenta para juventude contemporânea como “liberdade de escolha” onde a os jovens se tornam sujeitos competitivos e que devem produzir e produzir, transformando os valores econômicos em normas eticamente obrigatórias na contemporaneidade.

A relação que a juventude do Ensino Médio tem com o saber de Sociologia deve ser construída e consolidada no ambiente escolar, pois a formação da juventude não depende só dela ou da sua origem social, mas de como a escola está organizada e estruturada.

Mas é necessário que a juventude contemporânea tenha consciência de sua realidade, e que passe a ter uma visão mais ampla de seu meio social, e isso se desenvolve por meio do pensamento crítico, que é adquirido no componente curricular de Sociologia, ou seja, a Sociologia é fundamentalmente relevante para a juventude do Ensino Médio que sofre constantemente com o pensamento de que a única forma de trabalho considerada digna pela sociedade é o trabalho segundo os moldes do sistema capitalista como se fosse algo natural e não decorrente das transformações históricas, ou seja, a Sociologia auxilia a juventude a compreender que as formas de trabalho mudam ao longo da história, assim reconhecendo as mudanças históricas e a sua realidade social e como ele é visto pelo mundo do trabalho, já que as diferentes formas de trabalho são construídas socialmente.

CONCLUSÃO

O trabalho de pesquisa tem como resultado esperado revelar os enfrentamentos e os desafios do cotidiano da juventude trabalhadora do Ensino Médio do período noturno, principalmente a parcela dos estudantes que estão inseridos ou buscando se inserir no mundo do trabalho, o que nos dá a percepção de que está relacionada ao cansaço físico e mental e à

falta de tempo para se dedicar aos estudos devido à dupla jornada, que pode contribuir para o desinteresse pela formação escolar.

Além disso, é esperado identificar o motivo que leva a juventude a ingressar precocemente no mundo do trabalho, que pode estar relacionado a fatores socioeconômicos ou ao objetivo de autonomia financeira e, à busca por reconhecimento social. Ou seja, o desejo de trabalhar pode estar relacionado à necessidade material, mas também tem o objetivo de formação da identidade e aceitação social.

Outro resultado esperado é que a pesquisa revele qual o significado que a juventude atribui às disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, como a Sociologia, que acaba sendo vista como menos relevante para a juventude, o que pode estar relacionado aos currículos de caráter tecnicista e às demandas do sistema capitalista contemporâneo, que priorizam a formação de mão de obra, o que prejudica o desenvolvimento do pensamento crítico e social.

Já em relação ao ensino de Sociologia, a pesquisa espera revelar que, apesar da sua desvalorização, essa disciplina é fundamental para contribuir no desenvolvimento do pensamento crítico da juventude, ou seja, ao dialogar com a realidade dos estudantes ela pode se tornar mais significativa e relevante.

Por fim, espera-se que os resultados apontem que a escola pública se caracteriza como um espaço de contradições, em que o sistema educacional, por um lado, assume a função de preparar a juventude para o mercado de trabalho, ou seja, ensinar conteúdos e habilidades que valorizam a obtenção de capital humano, mas que ainda promove a formação do pensamento crítico e social. Assim, é necessário repensar a forma como a educação vem sendo conduzida, pois ela precisa formar uma juventude que seja capaz de trabalhar, mas que também compreenda as transformações históricas que influenciam como entendemos e organizamos o trabalho na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (org.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação; UNESCO, 2007.

BRASIL. **Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997**. Brasília, DF: Presidência da República, 1997.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Brasília, DF: Presidência da República, 1971.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Brasília, DF: Presidência da República, 2017.

BRASIL. **Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018**. Brasília, DF: Ministério da Educação; Conselho Nacional de Educação, 2018.

BERNARDO, M.H. **Discurso flexível, trabalho duro**: o contraste entre o discurso de gestão empresarial e a vivência dos trabalhadores. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-15102006-195023/publico/TESE-MHBERNARDO.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2026.

BEZERRA NETO, Luiz; OLIVEIRA, Elane Rodrigues de (orgs.). **Marxismo e educação**: contribuições para a discussão sobre o papel do Estado numa concepção marxiana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no Século XIX**: o espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. São Paulo: Artmed, 2001.

CORTI, Ana Paula de Oliveira; SOUZA, Raquel. **Diálogos com o mundo juvenil**: subsídios para educadores. 2. ed. São Paulo: Ação Educativa, 2012.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. **Métodos quantitativos e qualitativos**: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v. 2, n. 4, p. 1-13, 2008.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (org.). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículo em diálogo**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DORNELLES, Aline Espindola; REIS, Carlos Nelson dos; PANOZZO, Vanessa Maria. **Juventude latino-americana e mercado de trabalho: programas de capacitação e inserção**. Revista Katálisis, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 81-90, 2016.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.

GÓES, Luiz Antônio Cunha Moacyr de. **O golpe na educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

GROPPO, Luís Antônio. **Introdução à sociologia da juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

HOBBSBAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho: Novos Estudos sobre História Operária**. Tradução de Waldea Barcelos e Sandra Bedran – Editora Paz e Terra, 4ª edição revisada, Rio de Janeiro – RJ, 2000.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

LIMA, Herison Batista; SALES, Martinele Marinho de França; FRANÇA, Dayse Danielly Cordeiro de Oliveira. **A falta de interesse dos educandos pelos estudos nos tempos atuais**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v. 10, n. 1, 2024.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. Tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri – Editora Biotempo – 1ª edição, São Paulo – SP.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro 1: o processo de produção do capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**: livro 2: o processo de circulação do capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

MENEZES, Vitor Matheus de Oliveira; SANTOS, Raquel Sousa dos. **Juventude, educação e trabalho no Brasil (2012-2022)**. Tempo Social, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 137-160, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOTTA, Vânia Cardoso da; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Por que a urgência da reforma do ensino médio?** Medida Provisória nº 746/2016 (Lei nº 13.415/2017). Educação & Sociedade, v. 38, p. 355-372, 2017.

MUNIZ, Luciano Borges; MEDEIROS, Regina. **Juventude e trabalho na sociedade contemporânea**. *Revista de Ciências Sociais*, n. 42, p. 287-309, 2015.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Geografias das juventudes**. Porto Alegre: GEPUVE/UFRGS, 2023.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **Materialismo histórico-dialético e a educação**. Interface – Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, 1996.

PRATES, Daniela Medeiros de Azevedo et al. (org.). **Juventudes contemporâneas: juventudes, trabalho e educação**. Porto Alegre: Cirkula, 2022.

RIBEIRO, Ricardo Alaggio. **A teoria da modernização, a Aliança para o Progresso e as relações Brasil–Estados Unidos**. Perspectivas, São Paulo, v. 30, p. 151-175, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SILVA, Tarcísio Augusto Alves da (org.). **As juventudes e seus diferentes sujeitos**. Recife: EDUFRPE, 2017.

VERIGUINE, Nadia Rocha; BASSO, Claudia; SOARES, Dulce Helena Penna. **Juventude e perspectivas de futuro:** a orientação profissional no Programa Primeiro Emprego. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 34, n. 4, p. 1032-1044, 2014.